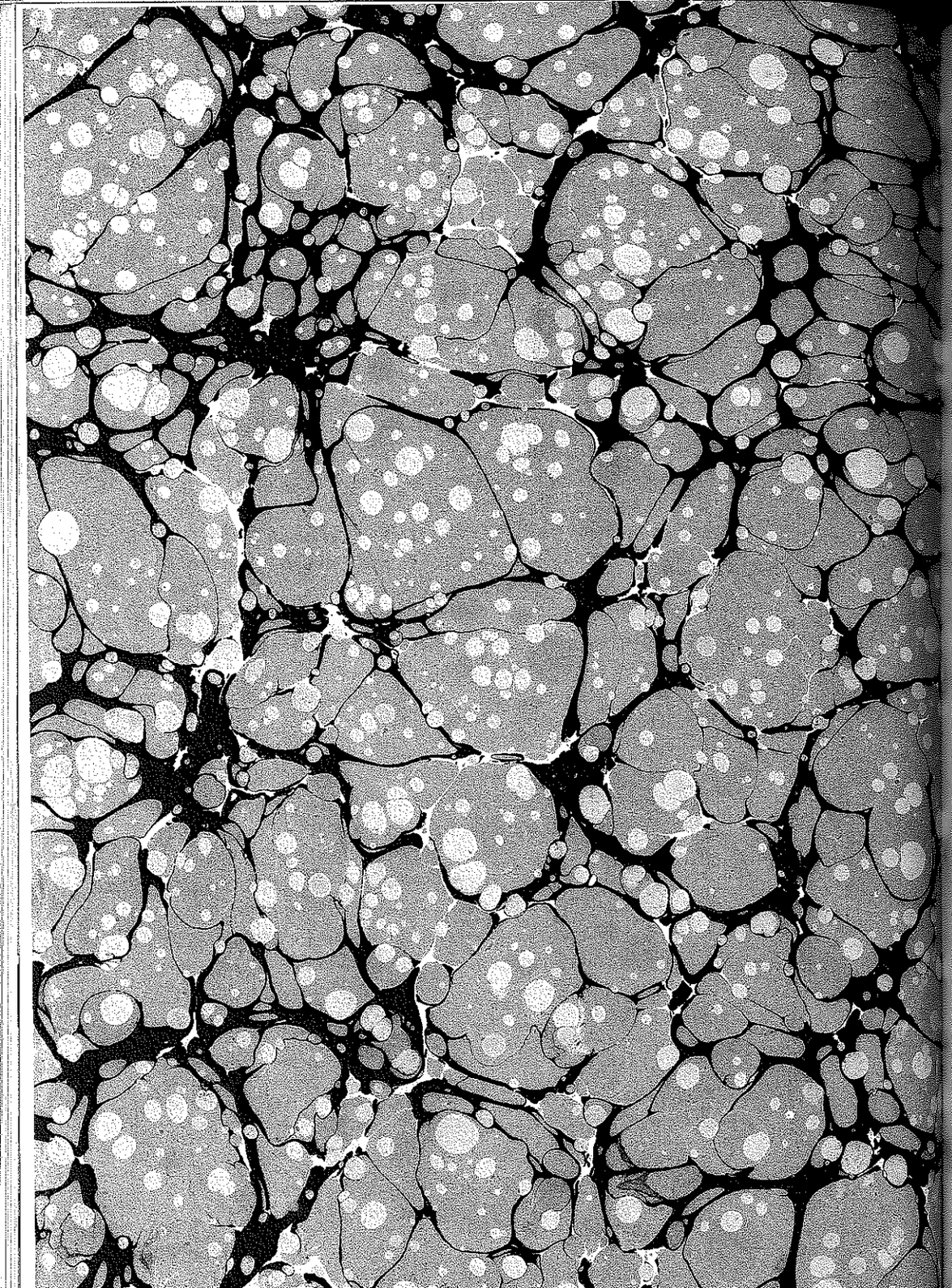


POR DENTRO DO CÍRCULO MÁGICO: PROGRESSO E MELANCOLIA NO DISCURSO DE MADISON, DE JOAQUIM NABUCO

Pedro Meira Monteiro

NÃO É NOVIDADE ALGUMA que o pensamento de Joaquim Nabuco deixa um rastro importante na imaginação sobre o Brasil, desde o século XIX. Nabuco é um daqueles autores que se pode conhecer através de outros autores: a admiração por ele muitas vezes vai de par à admiração de seus leitores ilustres, como são, por exemplo, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

Se a presença de Nabuco se faz sentir em *Do Império à República* (1972), é entretanto em momentos bastante anteriores que se pode flagrar o interesse de Sérgio Buarque de Holanda pelo diplomata e escritor pernambucano.[1] Num artigo publicado em abril de 1950 no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, o historiador paulista evoca Joaquim Nabuco no momento exato em que procura compreender a natureza do romance moderno, considerando-o uma forma "impura" e por vezes "prosaica"; uma forma menos livre que a poesia, em suma.[2]

Tal ideia sugere que, ao contrário da poesia, o romance seria uma forma a que não é facultado, por assim dizer, subir aos céus. Ou então, ainda quando a prosa se eleva e busca o sublime, algo todavia a prende ao solo, como se umas raízes incômodas e remanescentes se enovelassem à pena do escritor, lembrando-o que seu chão é ainda o da história. O romance viveria portanto, des-

de a perspectiva de Sérgio Buarque, do balanço entre a vontade de deixar que as ideias voem livres e a necessidade de atar-se ao solo histórico. Desde meados do século XIX até pelo menos o início do século XX, na Europa ocidental ou ainda no caso formidável da Rússia, o romance se manifestara com uma pujança extraordinária, exatamente porque, nessas partes do mundo, tradições fortes e antiquíssimas entraram em conflito com um novo modo de vida, burguês e capitalista. A matéria do romance, assevera Sérgio Buarque de Holanda, é precisamente esse conflito.

Mas e na América? Vejamos o que diz o historiador e crítico literário:

> Em nossa América as transformações profundas que pela mesma época chegavam a padecer estas sociedades meio aluviais também ofereciam, sem dúvida, sua feição problemática ou trágica. Apenas os protagonistas do drama encontravam modelos já prontos, e os gestos copiados a longa distância, no espaço e um pouco no tempo, não assumiam aqui o cunho natural e inevitável que deviam ter tido no cenário de origem. Em outras palavras, éramos um mundo periférico: o verdadeiro centro ficava em Paris ou em Londres. Um dos nossos estadistas, do Império e da República, exprimiu isso mesmo de maneira lapidar: em nós, dizia ele, o sentimento é brasileiro, a imaginação é europeia.[3]

Sérgio Buarque vai todavia mais longe em seu argumento e aproxima Joaquim Nabuco de um daqueles personagens de Henry James que decidem deixar a América e "retornar", por assim dizer, à Europa. Vejamos o que se lê, na tradução do próprio historiador:

> Somos os deserdados da Arte! Somos condenados a ser superficiais! Estamos excluídos do círculo mágico! O solo da percepção americana é um pequeno depósito, triste, estéril, artificial. Não há dúvida que entre nós a imperfeição é congênita.

> Um americano, para sair-se bem, há de aprender dez vezes mais do que um europeu. Pobres aspirantes, temos de viver em perpétuo desterro.[4]

Além do conhecido tópos do desterro (um desterro "em nossa própria terra", nunca é demais relembrar a fórmula inicial de *Raízes do Brasil*), há aí, na estilização desse personagem da literatura norte-americana – que Sérgio Buarque lembra logo após evocar Joaquim Nabuco – algo como uma "imperfeição congênita" ("*we are wedded to imperfection*", no original).

A imperfeição, evidentemente, conduz à ideia de um anelado aperfeiçoamento, que seria exatamente a corrida em direção à Europa, que Henry James sintetiza em seu personagem. (Lembrando, é claro, que o próprio James é mais um na fila dos literatos que amam a Inglaterra, e que são sempre gêmeos espirituais daquele posterior *American in Paris*, de tão presente e musical memória para todos nós.[5])

No entanto, tal aperfeiçoamento, isto é, a tentativa de aproximar-se da Europa, não é a entrega despudorada ao velho conquistador, ou ao velho colonizador. Antes, o desejo de aperfeiçoamento tem a ver com a consciência trágica de que, nos termos de Nabuco, o sentimento é americano, mas a imaginação é europeia.[6] Como toda tragédia, não se trata de um percalço no caminho, que se possa bater à vontade. Trata-se antes de uma condição, um exílio em sua própria casa, um mal-estar profundo que, no largo quadrante das Américas, significa o voltar-se com insaciável curiosidade para o continente europeu, compondo uma saga identitária – a história americana – a partir de uma estranha mescla de desejo, admiração e, em alguns casos, repulsa pela matriz europeia.[7] Todos sentimentos legítimos e poderosos, que juntos compõem os quadros sempre incompletos da América.

Talvez a ideia desses quadros incompletos da América pareça grandiosa demais. Minha intenção com ela é no entanto modesta: pretendo apenas tomá-la como guia e percorrer a palestra que Jo-

aquim Nabuco preparou e de fato jamais proferiu na Universidade de Wisconsin em Madison há cem anos, intitulada "The Share of America in Civilization".[8] Através de tal percurso, tento alinhavar algumas hipóteses sobre a imaginação do espaço americano em Nabuco, flagrando em seu discurso o que parece ser um balanço entre uma crença fundamental no progresso e um tom ligeiramente melancólico. Lembrando sempre que, se a imaginação poética leva muitas vezes ao sublime, a imaginação histórica – aquela que se preocupa com as raízes – aponta para o solo, para o espaço terreno que caberia então imaginar, em suas diferenças, mas sobretudo naquelas constâncias que encerram afinal o discurso identitário. Nesse sentido, aliás, parece impossível imaginar que Joaquim Nabuco fuja ao espectro do século XIX e se distancie demasiado da matriz romântica que busca o gênio das nações. Entretanto, é verdade que a prosa de Nabuco é temperada por um senso de observação cuja origem talvez esteja naquela literatura de viagens de que ele é também herdeiro, como viajante e como diplomata. Mas, sobretudo, como leitor.[9]

Basta que se pense em seus diários, já há alguns anos disponíveis na bela edição de Evaldo Cabral de Mello, para perceber que a literatura é um elemento congênito na imaginação de Joaquim Nabuco, mais um personagem, aliás, na tradição longeva de escritores-diplomatas brasileiros.[10] Ou que se pense em sua correspondência e na proximidade com a melancolia de Machado de Assis.[11] Ou então – matéria ainda a exigir estudo dos críticos machadianos – suas máximas publicadas em Paris, os *Pensées détachées et souvenirs*.[12] Afinal, o espírito religioso que guia as máximas de Nabuco talvez tenha muito a explicar sobre o mundo do *Deus absconditus* que é o de Machado de Assis: aquilo que um recusa, o outro oferece.

SIGO ENTRETANTO COM O DISCURSO de Joaquim Nabuco em Madison – discurso que ele teria proferido na formatura da turma de 1908, não fosse sua doença e também a morte de Afonso Pena, que o prenderam a sua casa de campo em New Hampshire.[13]

O discurso se abre com uma velha questão: compreender a novidade da América, saber o que ela trouxe de útil à Europa, além do tabaco...[14] A anedota inicial é um belo artefato retórico: o que, além da matéria-prima para a diversão ou para o vício europeu, se carrega nos navios que atravessam o Atlântico desde o século XV? A ideia recorrente de que afinal no berço do universalismo democrático europeu estaria o selvagem americano (lembrando o título do livro de Afonso Arinos, *O índio brasileiro e a Revolução Francesa*, de 1937, mas lembrando também as blagues oswaldianas que inverteriam os papéis do colonizador e do colonizado), e de que a felicidade europeia, ou mesmo universal, seria anunciada pelo surgimento da América, é algo que lá está, como introdução provocadora à grande questão que atravessa o discurso de Nabuco, isto é, encontrar o "quinhão" americano no processo civilizador em que ele acredita tão profundamente.

A questão do universalismo democrático retornará mais tarde no discurso e se fará finalmente explícita, com a lembrança da impressão que o Novo Mundo causara a Rousseau e a Montaigne, naquilo que seriam as traves de um pensamento humanístico e logo mais ilustrado sobre a pureza humana, perdida na sanha civilizatória europeia:

> Nothing more strongly influenced Jean-Jacques Rousseau than the impression of the New World. The French utopists of the eighteenth century did not take much from the discovery of India, China, and Japan; but the discovery of America was a creative impression for them, as during three centuries it was for their predecessors. No less a mind than Montaigne, for instance, will say of the American natives, writing in the sixteenth century: "I regret that Lycurgus and Plato did not know them, as it seems to me that what we see by experience among those nations not only surpasses all the pictures with which poetry has embellished the Golden Age, and all its inventions in imagining a happy condition of men, but also

> the conception and even the wish of Philosophy... How distant from this perfection would Plato find his Republic!" (*Liv.* 1, ch.xxxi) The whole *Social Contract* of Rousseau is implicit in this chapter of the *Essays*, two centuries older.[15]

Trata-se enfim do diálogo continuado e firme com a utopia do Novo Mundo, que jamais deixaria de tentar a Europa. Como sugere Nabuco, a imaginação é, ainda e sempre, europeia.

O raciocínio de Joaquim Nabuco é bastante sofisticado, algo tortuoso por vezes. De início, o elogio do encontro das raças na América se tempera com a observação de que afinal a invenção do sufrágio universal (leia-se, dos homens) é um produto originalmente inglês, ou porventura francês, mas não norte-americano. E exatamente essa observação balanceada abre espaço, na fala de Nabuco, para aquele que seria o primeiro fruto norte-americano oferecido ao mundo. Na precisa marcação pronominal do diplomata: "one of *your* mightiest contributions to civilization".[16]

Noto, de passagem, como a marcação pronominal, tratada com esmero pelo grande estilista que é Nabuco, mapeia todo um território americano que, à medida que o discurso avança, se complexifica, emprestando à América seus tons diversos. Isto sem que em momento algum se enfraqueça o ponto de enunciação, que é um "I" que fala desde essa mesma América; uma América do Norte que é também e afinal o desterro da América Latina. Tais questões nos levariam entretanto a um plano vasto – o espelho das duas Américas –, que desviaria o rumo que pretendo aqui seguir.[17] Lembro apenas que uma análise sintática do discurso de Nabuco em Madison esclareceria muito de uma relação complexa com esses vizinhos que, sendo também americanos, são ainda outros.

De toda maneira, a primeira contribuição norte-americana ao mundo se daria na continuada manutenção da paz. Trata-se de um tópico espinhoso, doloroso e atual para nós. E aqui encontramos a primeira armadilha do discurso, de que não logra escapar o diplomata, ou antes, uma armadilha em cujas malhas ele próprio,

que sempre se disse um "monroísta", parece regozijar-se.[18] De fato, a Doutrina Monroe é, para Joaquim Nabuco, uma espécie de forma neutra a manter a estabilidade no continente americano:

> President Eliot, in summing up his address, refers to that contribution in other words, as *peace keeping*. Expressed in that form, I have no doubt it has been one of your mightiest contributions to civilization, because the peace pressure from America on Europe is the greatest pressure weighing on the world to keep down war. America, thanks to the Monroe Doctrine, is the Continent of Peace, and this colossal peace unit, interesting deeply other regions of the earth – the whole Pacific, one might say – forms a neutral hemisphere and balances the other hemisphere, which we might call the belligerent hemisphere.[19]

Não há, no discurso de Joaquim Nabuco, nem sombra da guerra no Caribe em 1898, ou da anexação do território mexicano por vias mais ou menos diplomáticas, muito antes.[20] Tudo se passa como se a manutenção da paz fosse uma tarefa neutra. Mas Nabuco não é um ingênuo, é claro. Vejamos o grão de sal que ele derrama quando se refere à liderança dos Estados Unidos no cenário internacional, que ele já vê tão claramente no horizonte:

> You are carrying out now, thanks to the confidence in your neutral character as well to your prestige, a work that would be resisted, as one nation's concern, by the other sea-powers, if undertaken by any other nation. With your prodigious growth, your peace sentiment will have to be tested, when your national aggrandizement meets with the first serious obstacle. The question is if you then would not proclaim the holy national war. As yet no one could say that peace is a permanent article of faith with you, such as are democracy and religious toleration, for instance.[21]

Os "obstáculos" não pariam de brotar e se estenderiam até nossos dias, como bem se sabe. E é difícil crer que este "you" a que se dirige Nabuco tenha passado no teste do tempo. Mas o tempo traz também nuances, surpresas e mudanças, como hoje nós também sabemos.

A defesa aberta do pan-americanismo leva Joaquim Nabuco à segunda grande contribuição americana à civilização: a *imigração*. Para nós, neste nosso começo de século XXI, haverá algo de irônico em suas palavras, já que, no quesito imigração, a condição imperial seguiria erguendo, século adentro, obstáculos ferozes à "universalização do humano".[22] A imigração é hoje a questão que exatamente expõe os limites de qualquer veleidade pan-americana, como o provam os muros que nos cercam.

Enquanto isso, no plano discursivo, novamente se monta a armadilha que engole o diplomata: basta ler o discurso de Madison, e se há de notar mais um silêncio inquietante. É que a questão racial, para Nabuco, praticamente passa ao largo da questão negra, e não creio que seja injusto sugerir que algo se adoça, se edulcora, na ideia de uma fusão das raças, ou aquilo a que ele chamaria, no caso norte-americano, "this ever-changing ethnical composition that keeps up your individuality".[23] É aí, precisamente, que a sombra benigna de Tocqueville começa a aparecer: aquele sedimento de orgulho nacional que engessa as velhas nações não existiria no laboratório novo e promissor que é a América. Não havia aristocracia na América, o que logicamente leva à promessa do encontro de todos com todos.

No discurso precioso de Nabuco, a sombra tocquevilliana se mescla à sombra da decadência romana: é Caracala que estende a cidadania a todos os habitantes do Império, no momento exato em que ele começa a se desfazer.[24]

Entretanto, como a decadência ainda não significou para nós, no nosso presente, a abertura completa das fronteiras, sigamos lendo, buscando o sal que tempera a prosa de Nabuco.

Para um leitor brasileiro, é notável que a herança nefasta da escravidão – aquilo que levara o abolicionista Joaquim Nabuco, em

carta ao secretário da British and Foreign Anti-Slavery Society, a imaginar que Cuba e Brasil fossem ainda, em 1880, "dark spots in American land"[25] – não seja quase lembrada. E não é, evidentemente, que ela não fosse percebida pelo arguto observador que é Nabuco.

Nas páginas célebres de *O Abolicionismo* (1883) se encontrava já a observação de que o negro americano, depois da guerra civil, ganhara ao mesmo tempo a alforria e o voto.[26] Já nos seus "diários", apenas alguns dias após a leitura do discurso de Madison pelo presidente Van Hise, Nabuco notava, em 6 de agosto de 1909, que

> O maior dos jogos nacionais aqui [nos Estados Unidos] é amontoar *dollars* (para os homens) e gastá-los (para as mulheres). *Dollar-heaping* e *dollar squandering*, posso chamá-los. Depois o dar nos negros. Ainda ontem um ministro branco escapou de ser atacado pela *mob* por ter apertado a mão de um colega preto. Um senador, que deu um bofetão num criado de cor, dizia ao juiz: "*I did not strike a man, but a negro*". Designam uma mulher de cor num documento de justiça: "*A female of the genus africanus* (sic)". Haverá verdadeiras convulsões até o organismo expelir o preto, *the nigger*, do seu seio, isto é, como cidadão, mas o há de expelir. Este sentimento torna-se cada vez mais decidido e mais geral.[27]

Impressionante a força da anotação privada, sobretudo quando contrastada ao relativo silêncio do discurso público. Aí, creio, ganhamos em densidade, quando se trata da tarefa crítica. Explorar o silêncio do que se publica é encontrar o que o sujeito sente e diz, no plano privado. Daí a importância de sobrepor os diários ao discurso inaugural.

Sigamos porém com o bem-tecido discurso público.

Como um galho natural da imigração surge a outra contribuição americana ao mundo: a *democracia*. E aqui o lance retórico é igualmente empolgante. A democracia, sugere Joaquim Nabuco, é uma forma europeia, originalmente inglesa, com seus toques greco-latinos,

e no entanto é exatamente o experimento democrático republicano dos Estados Unidos que ensinaria à Europa. O filho ensina ao pai, pela frescura de sua própria experiência, que é a democracia acoplada, é claro, àquela idealizada imigração. E aqui o que era simples sombra tocquevilliana se torna referência explícita, daquilo exatamente que é porventura o mais ambíguo em Tocqueville: a admiração e certo temor por aquela "igualdade" fundamental.[28] Igualdade que é a viga-mestra do ideário liberal: "the general equality of conditions", dirá Joaquim Nabuco, secundando Alexis de Tocqueville.[29]

Tão mais interessante se tornam essas observações quanto saibamos a falta de entusiasmo que tantas vezes pautara os sentimentos de Joaquim Nabuco em relação à República. Uma falta de entusiasmo cujo contraponto poético pode-se localizar na idealização do Império, que está na memorialística ligada à figura paterna, mas está também nessa espécie de utopia agrária que se projeta em seu pensamento, quando se trata das propriedades rurais que funcionariam como peças sadias de um organismo maior.[30]

Ainda no plano das metáforas orgânicas, cabe lembrar que o horizonte utópico do pensamento de Joaquim Nabuco baseia-se no sentimento inequívoco da *finalidade*, isto é, de uma possível marcha do progresso, que é menos uma marcha da tecnologia, que do espírito. E é aqui que o discurso de Madison dá mais um giro fabuloso, elencando as *finalidades* que, criadas ou aperfeiçoadas no laboratório civilizacional americano, projetavam-se novamente contra a Europa, ou antes, a favor da Europa. A lição vinha da América: *imigração, democracia* e *igualdade*. Mas a elas, finalmente, soma-se a última das finalidades, aquela em que uma mente como a de Joaquim Nabuco se compraz: a beleza artística.

Aí algo interessante ocorre, no tecido do discurso. Já não há mais, nesse ponto, concessão alguma. A "imaginação europeia" é tão forte que não é possível a Nabuco afastar os olhos da medusa da arte do velho continente. Estamos, é claro, diante de alguém para quem a aventura do desrecalque localista, que estaria no modernismo brasileiro e mesmo hispano-americano, não era ainda tangível.

Eis então Joaquim Nabuco olhando para trás, quando nossa sensibilidade contemporânea talvez esperasse, anacronicamente, que ele olhasse para a frente:

> You must not look for human progress in art. In art let us be retrogrades, of the times of Phidias, of Euainetos, of Vinci, of Beethoven. And as in art, so in poetry. Poetry will never more equal mythology. There is yet more poetry in the piece of land which the last earthquake of Messina has convulsed than in all the rest of the world, present or future.[31]

É curiosa a força de um pensamento que, quando se trata da estética, é inamovível, e é retrógrado, do ponto de vista cronológico. Talvez pudéssemos ouvir, na ideia de recusar-se a buscar o progresso na arte, ecos da máxima de número 93 do segundo livro dos *Pensées détachées et souvenirs*, aquela que reza: "Pour l'art moderne, ce qu'il montre a plus d'importance que ce qu'il ne montre pas, la surface que le fond".[32]

Na figuração dramática da paisagem imaginada por Nabuco em seu discurso de Madison, o "fundo", sendo o que realmente importa, são os pedaços rotos da beleza fulgurante que um terremoto quase varreu do mapa: uma "piece of land", um fragmento que restou e que leva a imaginação a recompor mirificamente o todo, numa espécie de maravilhamento de tons benjaminianos.[33]

Poderíamos também imaginar aí, no pensamento de Joaquim Nabuco, uma sorte de consciência fenomenológica naquilo que, justamente, está além da visão e do tato, essa espécie de essência, ou de noumeno, que se esconde das vistas, e onde no entanto se revelaria o verdadeiro ser, que, mais uma vez, aponta para uma Europa idealizada e irremediavelmente intangível. Mas, de fato, a questão não é simplesmente de ordem estética. A imaginação crítica nos permite franquear a discussão sobre o belo, para perceber que também aí haverá certo senso trágico, que em Nabuco se revestiria de um conteúdo plenamente escatológico em suas

máximas, mas que um ouvido atento pode perceber também no discurso de Madison.

Vejamos.

UM DISCURSO CUIDADOSO, DIPLOMÁTICO, sobre a parte que cabe à América no processo civilizador, é uma fala necessariamente progressista, nos seus aspectos lógicos e cronológicos. Há uma projeção viril, uma voz que rasga o ar em busca desse final glorioso que não se sabe bem onde ou quando está, mas que virá, como sabem os profetas, e como querem crer os políticos. E no entanto, como poderíamos ler, nesse mesmo discurso progressista, aquela afirmação de fé no valor do passado, e a sombra da decadência da arte moderna?

Joaquim Nabuco, insisto, está imerso na sensibilidade ilustrada do século XIX, e a única reação possível à quimera do progresso humano não é, para um homem que não viverá as demandas do século XX, aquilo que a arte moderna viria a propor. Em suma, o que pretendo sugerir é que um tom melancólico, de luto incompleto pela perda da aura da verdadeira arte, atravessa o discurso progressista de Nabuco. Tal melancolia é inequívoca nas suas máximas, mas isto porque as máximas são afinal um gênero quebradiço que se pratica na solidão. Talvez, contudo, a ponta insuspeitada da melancolia apareça também no discurso de Madison, que seria então uma estranha solução de crença acachapante no progresso e um não-sei-quê de regresso, uma resistência delicada e surda que pressiona a imaginação para trás.[34]

Resta lembrar que esse conteúdo melancólico está condicionado ao amadurecimento, o que recentemente permitiu a um crítico iluminar a memorialística de Nabuco com referências que vão do indivíduo *blasé* de Simmel às teses aristotélicas sobre a melancolia, passando pelo "homem das multidões" de Poe. Lembrando, entretanto, que o autor de *Minha formação* timbraria por projetar a melancolia sobre o caráter errático da juventude, que a serenidade (ou a *fleugma*, seguindo ainda a intuição de Ricardo Benzaquen) da velhice viria a atenuar.[35]

Contudo, na breve consideração do belo e da suposta feiúra do moderno, no discurso de Madison, talvez se encontre não apenas o sinal de uma mentalidade refratária àquilo que faria a glória da arte no século XX (o fragmento, a provocação, a mundanidade, o prosaico), mas também, na consideração mesma da arte, encontrar-se-ia um chamado do passado, e a sensação um tanto inefável de que afinal não vale a pena correr para a frente.

Impossível resistir a citar novamente os diários, em busca daquilo que está silenciado no discurso público. Leia-se o que escreve Nabuco, todavia doente, no dia 19 de agosto de 1909, apenas dois meses depois que sua conferência fora lida pelo presidente da universidade em Wisconsin:

> Cheguei aos sessenta anos sem fôlego e exausto da longa ascensão da vida. Agora, para a descida, tenho que usar outros músculos, não mais os do impulso, mas os da resistência. Meu organismo ressente-se da mesma fraqueza que se eu jejuasse todo o tempo. Tanto minhas forças como o meu estado de espírito variam conforme as horas da comida. Sou literalmente uma máquina que só anda, e mal, quando a fornalha está acesa. Hoje, um pequeno exercício com o *masseur* (aqui chama-se *Physical Director*, como o barbeiro se chama *Tonsorial Artist*, não sei que artista é o coveiro), fatigou-me muito.[36]

A que máquina se refere Nabuco? Que esplêndida metáfora, quase alegoria, do progresso humano, aqui concebido a partir da consciência aguda do fim.

Mais uma vez convém lembrar a correspondência entre Nabuco e Machado. Refiro-me não apenas às cartas efetivamente trocadas, relativamente poucas e mornas, mas à correspondência de alma, aquela que diz respeito à secreta ausência de um sentido no progresso. Ausência de sentido que Machado de Assis levaria a seus limites, inclusive no âmbito mais cerrado da narrativa que se pensa a si mesma como uma quase impossibilidade, mas tam-

bém uma ausência de sentido para a qual o renascimento místico, o compromisso religioso de Nabuco, funcionaria como contraveneno, enquanto em Machado não há nada senão o veneno absoluto, o afastamento, irônico e logo melancólico, em relação ao discurso arrogante do progresso.

Mas em algo, ou em algum ponto, ambos se encontram: aquele que se entregou à transcendência da religião, e aquele que não fez mais que sondá-la e recusá-la. Ao fim, parece que a sombra inescapável da morte ronda mesmo o autor progressista e crente, levando-o, no plano do diário íntimo ao menos, à consciência de uma falta inexprimível, umas "saudades de si mesmo", talvez.[37]

Se aqui mesclo Machado de Assis e Joaquim Nabuco é por imaginar que vale a pena compreender o compromisso cívico, que é muito mais claro no diplomata Nabuco que no escritor Machado, como um compromisso acompanhado de perto pela desconfiança discreta em relação ao progresso, ou ao menos pela desconfiança diante da arrogância do discurso do progresso, que mostrava a sua face mais violenta no avanço impiedoso da República brasileira.

Os historiadores das ideias sabem bem que o estudo da efervescência do pensamento liberal no Império empresta densidade à história política brasileira. Efervescência e densidade que em certo sentido tendem a atenuar-se com a vitória republicana, que é o avanço a todo custo da máquina civilizadora. Um avanço que, sabemo-lo bem, e sabemo-lo pela formulação genial de Euclides da Cunha, é a progressão continuada de uma máquina que perpetra o crime.[38]

Mas Nabuco não tem a genialidade barroca, nem os arroubos simbolistas de um Euclides. Nem tampouco a alma torturada do escritor e militar. A sua é uma prosa quase sempre mais ponderada, mais lisa, onde a exaltação é uma arma retórica usada com parcimônia.

Sigamos, porém. É impossível deixar de lembrar certa curiosidade de Joaquim Nabuco em relação, sim, à arte na América. O "*clean-cut*", essa espécie de correção a toda prova, poderia bem ser um estilo a seguir:

> But with regard to art, there is no doubt that there is a distinct American trait. While the English is solid and the French graceful, yours is clean-cut. There is an American perfection, as characteristic as the Japanese, which I believe is well defined by the word "clean-cut".[39]

E o discurso avança, agora de novo intrépido, em torno à questão do progresso técnico: na nova era, o balanço entre integração tecnológica e iniciativa individual (entre globalização e individuação, diríamos hoje) aponta para as grandes conquistas da educação, de que não se exclui, para Joaquim Nabuco, a impressionante inclusão feminina, e essa velocidade que marca o tempo da marcha civilizacional. É aí que o ouvido musical do diplomata capta o *prestissimo* americano, contra o velho *adagio* europeu.[40] Dois ritmos, duas marchas, que o levam ao fim do discurso, e que nos trazem mais perto de uma conclusão.

Mobilizando novamente o imaginário orgânico que lhe é caro, e deixando-se mais uma vez seduzir pela amada matriz europeia, diz Nabuco:

> Until now no European race has given in America exactly the same intellectual fruit as in its native soil, just as the French grapevines transplanted here will never give the same exquisite wines. [...] America could not carry out the same work as Europe. There is an intellectual geography as there is a botanical or a zoological geography. The intellectual qualities of each leading race are different, and it would diminish the power of effort in this country, were it ever to feel assured that it had surpassed Europe. There is inspiration in the hope, but the victory itself would be the beginning of retrocession. Mankind must remain greater than any of its parts in all that makes the glory of civilization, and the children should not surpass the fathers in their lifetime. For many centuries Europe and America will lead together.[41]

Deixemos de lado a tentação de brincar e de responder a Nabuco, soprando-lhe angustiadamente aos ouvidos que talvez não serão tantos os séculos que verão os Estados Unidos e a Europa liderarem, e que mesmo as uvas francesas dariam bom vinho na Califórnia. Deixemos Nabuco em seu tempo, carregando as angústias de seu próprio tempo.

Deixo ainda de lado, mas não sem referi-la de passagem, a menção à América Latina e em especial ao Brasil, a referência oblíqua a Rui Barbosa e a lembrança esperta de Santos-Dumont abrindo, ele sim, a era da navegação por ar.[42] Deixo ainda de lado a promessa do Brasil eternamente pacífico, um país tão idealizadamente cordial no cenário internacional. Cordialidade que apaga da memória o genocídio no Paraguai, e silencia toda a violência interna de que o próprio Nabuco é testemunha ocular e denunciador fundamental.[43]

COMO ÚLTIMO PASSO, penso que valha a pena refletir sobre a profunda ambiguidade do americanismo de Joaquim Nabuco. Ambiguidade que não é, aliás, resultado de titubeio ou falha individual, mas tão-somente consequência do mesmo paradoxo ao qual ele se vê atado, e que aponta para o fato de que a afirmação da América é ainda o aprofundamento daquelas raízes europeias que o diplomata jamais poria em causa. Afinal, se correta a ideia de que éramos filhos de Washington e de Colombo, como se lê em seu discurso à Conferência Pan-americana de 1907[44], não menos certo é que, da perspectiva de Nabuco, continuaríamos jogados entre a tarefa de superar o modelo europeu e a proibição, ou a impossibilidade, de fazê-lo.

Já se viu que Joaquim Nabuco tem claro que os filhos não devem sobrepujar os pais, e que a Europa segue sendo a Europa. Aí reside, parece-me, o paradoxo de Nabuco, que Sérgio Buarque de Holanda levaria ao paroxismo em *Raízes do Brasil* (1936), como bem o demonstrou João Cezar de Castro Rocha.[45] De fato, quanto mais se busca superar o modelo europeu, mais fundo vão as raízes que apontam para a Europa, que fazem recordar a Europa, como se a Europa seguisse perseguindo, fantasmática, os sonhos de uma

finalidade americana, armando e rearmando o "círculo mágico" a que o discurso identitário nos condena.

Penso que aí estejam o limite e o alcance do discurso identitário em Nabuco. Um discurso comprometido com o fechamento do círculo da significação, e com a finalidade da marcha histórica. Mas, ao mesmo tempo, um discurso que se deixa momentaneamente atravessar pelo fio tênue da melancolia.

Um fio um tanto incômodo, discreto em todo caso, a lembrar-nos, aos leitores de Joaquim Nabuco, que a oratória invicta do ideal civilizador não logra esconder que o que há de mais valioso para os homens talvez não se guarde em seu futuro, mas, quem sabe, esteja ainda naquilo que se perdeu para sempre.

NOTAS

1 Ver Holanda, Sérgio Buarque de. *Do Império à República*. São Paulo: Difel, 1985. É sabido que o retrato do segundo reinado, notadamente em *Um Estadista do Império* (3 volumes, 1897–1899), deixa uma forte marca na imaginação daquele período. Embora a busca dos nexos históricos que levam à substituição do regime monárquico pelo republicano não obedeça, em Sérgio Buarque, aos mesmos princípios antirrevolucionários que dão ao retrato de Nabuco certo tom apologético, é importante lembrar sua presença em clássicos da historiografia sobre o Império, como *Do Império à República*, ou ainda *O Tempo Saquarema*, de Ilmar Mattos. Cf. Mattos, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema: a formação do Estado imperial*. São Paulo: Hucitec, 1990. Num balanço do "pensamento histórico" no Brasil, realizado em 1951, Sérgio Buarque de Holanda já ressaltava a presença de Nabuco na historiografia brasileira, sugerindo que sua tônica biográfica contrapesara o determinismo geográfico ou antropológico de Capistrano de Abreu: "...não faltaram, neste meio século, os que fizeram recair o acento tônico sobre certas fases do nosso passado, encaradas através da atividade de um indivíduo. A obra exemplar no gênero – *Um estadista do Império*, de Joaquim Nabuco –, publicada em 1898, oferece-nos um opulento painel do Segundo Reinado, onde o calor e a devoção filial não chegam a perturbar a visão nítida do historiador." Holanda, Sérgio Buarque de. "O pensamento histórico no Brasil

nos últimos cinquenta anos" in Monteiro, Pedro Meira e João Kennedy Eugênio (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas, Rio de Janeiro: Editora da Unicamp, EDUERJ, 2008, 608–609. A propósito ainda da sombra que as interpretações de Nabuco projetam sobre a historiografia que abarca o período em questão, consulte-se o ensaio de Cecilia Helena L. de Salles Oliveira, que é também um interessante comentário do livro recente de Izabel Marson. Cf. Oliveira, Cecilia Helena L. de Salles. "Herdeiros e vítimas da 'conciliação': política e História em Joaquim Nabuco". *Estudos Avançados*, vol.23, nº 65, jan.-abr. 2009, 231–244. Sobre a leitura "conciliatória" de Nabuco, com sua recusa da experiência jacobina, cf. Marson, Izabel. *Política, história e método em Joaquim Nabuco: tessituras da revolução e da escravidão*. Uberlândia: EDUFU, 2008. Consulte-se também Salles, Ricardo. *Joaquim Nabuco: um pensador do Império*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002, especialmente 215–277.

2 Holanda, Sérgio Buarque de. "Em volta do círculo mágico" in *O espírito e a letra: estudos de crítica literária* (ed. Antonio Arnoni Prado). São Paulo: Companhia das Letras, 1996, vol.2, 189–194.

3 Idem, 190.

4 Idem, 190–191. No original: " 'We are the disinherited of Art!' he cried. 'We are condemned to be superficial! We are excluded from the magic circle. The soil of American perception is a poor little barren artificial deposit. Yes! we are wedded to imperfection. An American, to excel, has just ten times as much to learn as a European. We lack the deeper sense. We have neither taste, nor tact, nor power. How should we have them? Our crude and garish climate, our silent past, our deafening present, the constant pressure about us of unlovely circumstance, are as void of all that nourishes and prompts and inspires the artist, as my sad heart is void of bitterness in saying so! We poor aspirants must live in perpetual exile'." James, Henry. "The Madonna of the Future", in *Complete Stories 1864–1874*. Nova York: The Library of America, 1999, 733.

5 Refiro-me, é claro, à obra sinfônica de George Gershwin, *An American in Paris*, de 1928.

6 Eis a conhecida passagem: "Nós, brasileiros – o mesmo pode-se dizer dos outros povos americanos – pertencemos à América pelo sedimento

novo, flutuante, do nosso espírito, e à Europa, por suas camadas estratificadas. Desde que temos a menor cultura, começa o predomínio destas sobre aquele. A nossa imaginação não pode deixar de ser europeia, isto é, de ser *humana*; ela não para na Primeira Missa no Brasil, para continuar daí recompondo as tradições dos selvagens que guarneciam as nossas praias no momento da descoberta; segue pelas civilizações todas da humanidade, como a dos europeus com quem temos o mesmo fundo comum de língua, religião, arte, direito e poesia, os mesmos séculos de civilização acumulada, e, portanto, desde que haja um raio de cultura, a mesma imaginação histórica. [...] A instabilidade a que me refiro provém de que na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo o que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana; e que na Europa nos falta a pátria, isto é, a forma em que cada um de nós foi vazado ao nascer. De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação europeia. As paisagens todas do Novo Mundo, a floresta amazônica ou os pampas argentinos, não valem para mim um trecho da Via Appia, uma volta da estrada de Salerno a Amalfi, um pedaço do cais do Sena à sombra do velho Louvre. No meio do luxo dos teatros, da moda, da política, somos sempre *squatters*, como se estivéssemos ainda derribando a mata virgem." Nabuco, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004, 49.

7 É o que terá permitido a Evaldo Cabral de Mello formular o "dilema do mazombo", que Maria Alice Rezende de Carvalho justamente retoma em sua análise de *Minha formação*. Cf. Mello, Evaldo Cabral de. "Prefácio", in Nabuco, Joaquim. *Minha formação*, op.cit., 9–16. Cf. também Carvalho, Maria Alice Rezende de. "Joaquim Nabuco – *Minha formação*", in Mota, Lourenço Dantas. *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*, 2. São Paulo: Editora SENAC, 2001, 219–236.

8 Nabuco, Joaquim. "The Share of America in Civilization." *The American Historical Review*, vol.15, nº 1 (1909), 54–65. Citarei sempre o original em inglês, oferecendo a tradução nas notas.

9 João Ribeiro informa que, no tempo que passou em Londres, já como legatário republicano, Nabuco mergulhou na leitura dos viajantes, colecionando "as viagens de Wallace, o êmulo de Darwin, o pitoresco itinerário de Gardner pelo sertão de norte a sul, as narrativas de Saint-Hilaire, as de Pohl, de Wells, Koster e tantos outros que por aqui [no

Brasil] passaram e conviveram, no interior ou na orla marítima, com a nossa gente." Apud Andrade, José Olímpio de Souza. *Joaquim Nabuco e o Brasil na América*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, MEC, 1978, 28. Ainda sobre a questão da leitura na juventude, consulte-se, é claro, *Minha formação*, op.cit., ou ainda os comentários de Alencastro sobre *Um estadista do Império*. Cf. Alencastro, Luiz Felipe de. "Joaquim Nabuco – *Um estadista do Império*" in Mota, Lourenço Dantas. *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. São Paulo: Editora SENAC, 1999, 113–131. Sobre sua concepção "sentimental" da lírica, e a polêmica com Alencar na juventude, veja-se, em ácida chave crítica, Lima, Luiz Costa. "Nabuco: trauma e crítica" in *Intervenções*. São Paulo: Edusp, 2002, 341–357.

10 Nabuco, Joaquim. *Diários, 1873–1910* (org. Evaldo Cabral de Mello). Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2006.

11 Aranha, Graça (org.). *Machado de Assis & Joaquim Nabuco: correspondência*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Topbooks, 2003. Sobre a relação entre Nabuco e Machado e sua expressão epistolar, consulte-se o texto de K. David Jackson, que deve em breve vir à luz na revista do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Agradeço ao autor a gentileza de ter-me enviado uma versão do texto todavia inédito. Cf. Jackson, Kenneth David. "Nabuco a Machado, Machado a Nabuco: ressonâncias de uma correspondência", manuscrito.

12 Nabuco, Joaquim. *Pensées détachées et souvenirs*. Paris: Libraire Hachette et C^{ie}, 1906.

13 Cf. *Diários*, op.cit., 700–701.

14 "The Share of America in Civilization", op.cit., 54.

15 Idem, 60. "Nada atuou mais sobre Jean-Jacques Rousseau do que a impressão do Novo Mundo. Os utopistas franceses do século XVIII pouco deveram à descoberta da Índia, da China e do Japão; mas a descoberta da América foi para eles motivo de inspiração como já vinha sendo para seus antecessores nos últimos três séculos. O grande espírito de Montaigne, por exemplo, disse, sobre os indígenas americanos no século XVI: 'Sinto que Licurgo e Platão não os tenham conhecido, pois parece-me que o que vimos por experiência nessas terras não só sobrepuja todos os quadros com que a Poesia ornou a Época de Ouro, e todas suas

invenções ao imaginar uma feliz espécie humana, mas a própria concepção e até o desejo da Filosofia... Quão distante desta perfeição pareceria a Platão sua República!' Todo o *Contrato Social* de Rousseau caberia nesse capítulo dos *Ensaios*, escritos dois séculos antes dele." Nabuco, Joaquim. *Camões e Assumptos Americanos: Seis Conferencias em Universidades Americanas*. Trad. Carolina Nabuco. São Paulo. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, Civilização Brasileira, 1940, 129–130. (Ortografia atualizada, PMM.)

16 "The Share of America in Civilization", op.cit., 56. (Ênfase minha, PMM.)

17 A propósito, leia-se Nabuco, Joaquim. *The Approach of the Two Americas. Convocation Address Delivered Before the University of Chicago, August 28, 1908*. S.l.

18 Assim na carta a Rio Branco, em que, ainda em Londres, Nabuco ia já vislumbrando o seu futuro como embaixador brasileiro em Washington: "Eu sou um forte monroísta, como lhe disse, e por isso grande partidário da aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos. Se eu fosse ministro do Exterior e o Presidente consentisse, caminharia firme nesse sentido, e em vez de pensar em mim para suceder-lhe daqui a dois anos, deveria, talvez, você pensar em fazer-me colaborador seu naquela política (unindo as duas legações de Londres e Washington é o que deverá ser, porque é uma só política, sendo hoje a Inglaterra a mais norte-americana das nações...)". Ou ainda, que se pense no bilhete encaminhado à esposa quando, em 1904, finalmente recebera o convite para assumir a embaixada nos Estados Unidos: "Esta manhã um terremoto; o telegrama de Rio Branco oferecendo-me Washington. Vou pensar muito antes de responder; pensa e reza, certa de que nenhum dever pode ser recusado. Lá está talvez o futuro dos nossos filhos. Eu sempre desejei educá-los lá." Apud *Joaquim Nabuco e o Brasil na América*, op.cit., 30–31. Angela Alonso argumenta, entretanto, pela ambivalência, ou resistência de Nabuco em relação ao convite, e seu enfado na capital americana, compreendidos a partir de sua relação conflituosa com Rio Branco, e o desejo, de fato, de permanecer na Europa. Cf. Alonso, Angela. *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 309–320. Já quanto à admiração de Nabuco pela Doutrina Monroe, ela aparecera já, inequívoca, num adendo ao seu estudo de 1895, sobre a guerra civil de 1891 no Chile: "No fundo o que é o Monroísmo? O Monroísmo parecia ser a promessa feita à América toda pela União Americana, de que a Europa não adquiriria mais um palmo de terra no Novo Mundo; depois, porém,

do fato do México, e agora recentemente do Brasil, quer-se entender o Monroísmo como uma garantia dada não só à independência, mas à forma republicana em todo o continente. Seria preciso desconhecer o caráter nacional do povo americano para se supor, por exemplo, que se o Brasil restaurasse a sua Monarquia os Estados Unidos impugnariam essa volta às nossas antigas instituições." Nabuco, Joaquim. *Balmaceda* (ed. José Almino de Alencar). São Paulo: Cosac Naify, 2008, 221.

19 "The Share of America in Civilization", op.cit., 56. "O presidente Eliot, ao resumir seu discurso, chama a essa contribuição, *guardar a paz*. Expressa assim, não duvido que tenha sido um dos vossos mais poderosos auxílios, porque a pressão em favor da paz, exercida sobre a Europa pela América, é hoje a maior no mundo para impedir a guerra. A América, graças à Doutrina Monroe, é o continente da Paz e esse colossal bloco pacifista, que afeta profundamente outras regiões da terra – todo o Pacífico, pode-se dizer – forma o Hemisfério Neutro a equilibrar o outro hemisfério, que poderíamos chamar de beligerante." *Camões e assumptos americanos*, op.cit., 123.

20 Para uma visão nuançada do pan-americanismo e do monroísmo de Joaquim Nabuco, suas raízes e sua reação à obra de Eduardo Prado (*A ilusão americana*, de 1893), ver Dennison, Stephanie. *Joaquim Nabuco: Monarchism, Panamericanism and Nation-building in the Brazilian Belle Époque*. Oxford, Nova York: Peter Lang, 2006.

21 "The Share of America in Civilization", op.cit., 56–57. "Estais realizando agora uma obra [o Canal de Panamá] que, como empreendimento de um só país, seria obstada pelas demais potências navais, se não existisse, além do seu prestígio, a confiança no vosso feitio neutro. Vosso sentimento pacifista será posto à prova quando, no correr do vosso surto prodigioso, encontrardes o primeiro obstáculo sério ao vosso engrandecimento nacional. A questão a resolver-se é se não proclamareis então uma guerra santa nacional. Por enquanto não se pode dizer que a Paz seja para vós artigo de fé de caráter permanente, como, por exemplo, a democracia ou a tolerância religiosa." *Camões e assumptos americanos*, op.cit., 123–124.

22 Parafraseio aqui Alfredo Bosi, para quem a condição colonial erguera uma barreira contra a "universalização do humano". Cf. Bosi, Alfredo. "Colônia, culto e cultura", in *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, 11–63.

23 "The Share of America in Civilization", op.cit., 58. "Nesta constante alteração da vossa composição étnica está o segredo da vossa individualidade [...]" *Camões e assumptos americanos*, op.cit., 125. Sobre essa idealizada "constante alteração" étnica, vale a pena lembrar as linhas de continuidade entre Joaquim Nabuco e Gilberto Freyre. Se por um lado a ideia de uma mistura benéfica de raças não chegaria, em Joaquim Nabuco, à idealização da mestiçagem (que se pense, a propósito, no entusiasmo de Nabuco com a imigração europeia e seu horror em relação aos chins, nos quadros do acendrado debate sobre a substituição da mão de obra escrava no Brasil do século XIX), por outro lado Freyre projeta em Nabuco, retrospectivamente, uma figura híbrida, um herói "desertor de sua casta", numa bela página que bem poderia figurar em *Casa-grande & senzala*, ou em *Sobrados e mucambos*: "Formou-o pelo leite de escrava que amamentou o menino branco de Massangana, pelos braços de escravos que primeiro o carregaram, pelos risos de escravos que lhe afugentaram os primeiros choros e tédios de criança, pelas mãos de escravos que lhe levavam à boca as primeiras comidas, talvez pelos beijos de escrava que primeiro lhe deram sugestões de outro amor de mulher além do de mãe, e, ainda, pelo gesto daquele escravo adolescente, fugido de outro engenho, que, uma tarde, surgiu diante de Nabuco menino, sentado no patamar da casa-grande de Massangana, para abraçar-se a seus pés, suplicando ao sinhozinho que pelo amor de Deus o fizesse comprar pela madrinha, senhora de engenho". Freyre, Gilberto. *Joaquim Nabuco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948, 11.

24 "The Share of America in Civilization", op.cit., 58.

25 Nabuco, Joaquim. *Cartas aos abolicionistas ingleses* (ed. José Thomaz Nabuco). Recife: FUNDAJ, Massangana, 1985, 46. Sobre as cartas, leia-se ainda Bethell, Leslie, e José Murilo de Carvalho. "Joaquim Nabuco e os abolicionistas britânicos. Correspondência, 1880–1905." *Estudos Avançados*, vol.23, nº 65, jan.-abr. 2009, 207–229.

26 Nabuco, Joaquim. *O Abolicionismo*. Petrópolis: Vozes, 1988, 36. Num capítulo sobre as "Influências sociais e políticas da escravidão", o diagnóstico sobre a secessão é contundente: "A liberdade americana, tomada a União como um todo, data, verdadeiramente, da proclamação de Lincoln que declarou livres os milhões de escravos do Sul. Longe de serem países livres, os Estados ao sul do Potomac eram sociedades organizadas sobre a violação de todos os direitos da humanidade.

Os estadistas americanos, como Henry Clay e Calhoun, que transigiram ou se identificaram com a escravidão, não calcularam a força do antagonismo que devia, mais tarde, revelar-se tão formidável. O que aconteceu – a rebelião na qual o Sul foi salvo pelo braço do Norte do suicídio que ia cometer, separando-se da União para formar uma potência escravagista, e o modo pelo qual ela foi esmagada – prova que nos Estados Unidos a escravidão não afetara a constituição social toda, como entre nós; mas deixara a parte superior do organismo intata, e forte ainda bastante para curvar a parte até então dirigente à sua vontade, apesar de toda a sua cumplicidade com essa." É esta passagem, justamente, que arma a força do argumento orgânico que aparece logo em seguida, voltado para o caso brasileiro: "Entre nós, não há linha alguma divisória. Não há uma seção do país que seja diversa da outra. O contato foi sinônimo de contágio. A circulação geral, desde as grandes artérias até aos vasos capilares, serve de canal às mesmas impurezas. O corpo todo – sangue, elementos constitutivos, respiração, forças e atividade, músculos e nervos, inteligência e vontade, não só o caráter, senão o temperamento, e mais do que tudo a energia – acha-se afetado pela mesma causa." Idem, 124–125.

27 *Diários*, op.cit., 702.

28 Cf. Tocqueville, Alexis de. *De la Démocratie en Amérique*. Douzième Édition. Paris: Pagnerre, Éditeur, 1848. 4 vols.

29 "The Share of America in Civilization", op.cit., 61.

30 Ver Nabuco, Joaquim. *Um estadista do Império*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, 2 vols. Consulte-se também Araújo, Valdei Lopes de. "Política como história, como literatura: *Um estadista do Império*" in Rocha, João Cezar de Castro. *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: Topbooks, UniverCidade, 2003, 303–312. Quanto a um horizonte agrário utópico em Joaquim Nabuco, há que pensar na dimensão social de uma reforma agrária, que se esboçara já n'*O Abolicionismo*, na crítica da grande propriedade escravista e na análise da crise da lavoura – análise que não chegava a ceder, porém, ao argumento de uma emancipação pela pequena propriedade, segundo um debate corrente no século XIX. A grande propriedade é ainda, em diversos momentos, o télos de Nabuco, conquanto o papel do Estado fosse sempre, desde a sua perspectiva, "facilitar à agricultura a transição do regímen romano dos ergástulos ao regímen moderno do

salário e do contrato livre. [...] Nós não estamos combatendo a lavoura contra o seu próprio interesse: não só a influência política dos nossos agricultores há de aumentar quando se abaterem essas muralhas de preconceitos e suspeitas, que lhes cercam as fazendas e os engenhos, senão também a sua segurança individual será maior, e os seus recursos crescerão *pari passu* com o bem-estar, a dignidade, o valor individual da população circunvizinha. O trabalho livre, dissipando os últimos vestígios da escravidão, abrirá o nosso país à imigração europeia; será o anúncio de uma transformação viril, e far-nos-á entrar no caminho do crescimento orgânico e portanto homogêneo. O antagonismo latente das raças – a que a escravidão é uma provocação constante, e que ela não deixa morrer, por mais que isso lhe convenha – desaparecerá de todo. Tudo isso servirá para reconstruir, sobre bases sólidas, o ascendente social da grande propriedade, para abrir-lhe altas e patrióticas ambições, para animá-la do espírito de liberdade, que nunca fez a desgraça de nenhum povo e de nenhuma classe. Volte a nossa lavoura resolutamente as costas à Escravidão, como fez com o Tráfico, e dentro de vinte anos de trabalho livre os proprietários territoriais brasileiros formarão uma classe a todos os respeitos mais rica, mais útil, mais poderosa, e mais elevada na comunhão do que hoje". *O Abolicionismo*, op.cit., 159–160. Entretanto, a defesa de uma grande propriedade sadia não o impediria, em alguns momentos, de defender a divisão fundiária, como no caso em que, consultor em Londres das Central Sugar Factories, sugeria, em 1882, que a sua ação em Pernambuco deveria "ser o parcelamento da terra, a divisão da atual plantation, e o fomento de uma nova classe de plantadores ou pequenos proprietários". Cf. Alonso, Angela. *Joaquim Nabuco*, op.cit., 148.

31 "The Share of America in Civilization", op.cit., 61. "Em Arte não se pode procurar progresso humano. Em Arte sejamos retrógrados, das épocas de Fídias, de Evainetos, de Vinci, de Beethoven. E como em Arte, também em Poesia. Nunca mais a Poesia igualará a Mitologia. Há mais poesia na faixa de terra que o terremoto de Messina acaba de convulsionar do que em todo o resto do mundo, hoje e amanhã." *Camões e assumptos americanos*, op.cit., 131.

32 Nabuco, Joaquim. *Pensées détachées et souvenirs*, op.cit., 129. Na tradução de Carolina Nabuco: "Nos tempos de hoje, em arte, o que aparece tem mais importância do que o que não aparece; a superfície vale mais do que o fundo". Nabuco, Joaquim. *Pensamentos soltos, Camões e Assuntos americanos*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949, 175.

33 Nabuco é em certo sentido um colecionador das maravilhas que o Velho Mundo ia deixando para trás, à medida que se desfazia. Ao menos é a imagem que me vem à mente, inspirada no delírio poético de Walter Benjamin, quando, desencaixotando e organizando seus livros, após mais uma mudança, sugere ser possível que as cidades apenas se "revelem" verdadeiramente ao sujeito quando este parte em busca de livros perdidos em seus sebos, num momento – mirífico – em que cada lojinha se constitui em "fortaleza", ou ainda na "posição-chave" que guarda segredos que só ao colecionador é dado encontrar, ou buscar. A frase cortante de Benjamin, após a evocação daquela coruja de Minerva que hegelianamente alça voo ao cair da tarde, é a seguinte: "apenas na extinção o colecionador é compreendido". Cf. Benjamin, Walter. "Unpacking my Library", in *Illuminations* (ed. Hannah Arendt). Nova York: Schocken Books, 1988, 59–67.

34 Em sua tentativa de buscar os sinais de amadurecimento de Joaquim Nabuco, em quem aos poucos o "dândi" da juventude iria se apagando, Angela Alonso lembra que sua "missão abolicionista" pela Europa, que ela supõe ter sido parcialmente financiada por André Rebouças, se iniciou por Portugal, onde, em 1881, Nabuco encontrara aceso o debate em torno da colonização lusitana – debate em que se opunham a visão progressista de Teófilo Braga e a teorização de uma degenerescência em Oliveira Martins. Significativamente, as teses da decadência portuguesa finalmente transmitida ao Brasil teriam encontrado na imaginação do Nabuco que então se formava solo especialmente fértil: "seu lado melancólico, sua vivência infantil do mundo colonial em desagregação, a formação cortesã, sua recente experiência política [não se reelegera deputado nas últimas eleições], tudo em si contribuía para dar mais eco às ideias de Oliveira Martins que às de Teófilo Braga. De modo que a viagem teve efeitos além dos planejados. Fora buscar respaldo político, saiu com a mala cheia de ideias". Alonso, Angela. *Joaquim Nabuco*, op.cit., 124.

35 Cf. Araújo, Ricardo Benzaquen. "Através do espelho: subjetividade em *Minha formação*, de Joaquim Nabuco." *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.19, n.56, out. 2004, 5–13.

36 *Diários*, op.cit., 703.

37 Refiro-me aqui à intraduzível e enigmática expressão com que Machado de Assis encerra seu último romance, *O memorial de Aires*, de 1908: "consolava-os a saudade de si mesmos".

38 Cf. Cunha, Euclides da. *Os Sertões (Campanha de Canudos)* (org. Leopoldo M. Bernucci). São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001. A respeito da desconfiança generalizada sobre as premissas progressistas do avanço republicano, José Luiz Passos traçou recentemente um panorama breve e preciso: "Dois anos antes do romance de Machado [*Esaú e Jacó*], não foi *Os Sertões* que nos revelou a crônica de um observador que julgava certo o passo firme da modernidade brasileira? E não foi ele quem, após Canudos, cedeu ao embaraço de duvidar do moderno, da patente, da sua própria missão de bastião das luzes republicanas? E se olharmos para trás, para a geração anterior, não vemos também em Joaquim Nabuco o sentido do olhar rebaixado pelo embaraço da saudade do mundo de antes? Nabuco relembra seu engenho Massangana com a mesma candura do olhar que Aires aponta para o Rio do Segundo Reinado. O conselheiro fez com que seu narrador mirasse a História com certa desconfiança, como repetição e farsa, causando no leitor uma sensação sutil demais: o enfado que esses homens parecem sentir com a chegada do moderno. É essa mirada lamentosa e resignada que faz coro com *Os Sertões* de Euclides da Cunha e *Minha formação* de Joaquim Nabuco, ambos da mesma época da redação de Aires; um coro de desencanto ante o que parece ser a ruína prematura de um futuro que mal acabara de começar. Essas obras são contemporâneas das várias manifestações de nostalgia e interesse pelo passado recente do Império." Passos, José Luiz. *Machado de Assis: o romance com pessoas*. São Paulo: Edusp, Nankin, 2007, 241–242.

39 "The Share of America in Civilization", op.cit., 62. "No que diz respeito à Arte, não resta dúvida todavia que existe um traço americano. Como o traço inglês é a solidez e o francês é a graça, o americano é a nitidez, o que chamais *clean-cut*. Há uma perfeição americana, tão característica quanto a japonesa e que me parece bem definida por aquela expressão." *Camões e assumptos americanos*, op.cit., 132.

40 "The Share of America in Civilization", op.cit., 63.

41 Idem, 64. "Até agora, na América, nenhuma raça europeia frutificou intelectualmente de modo idêntico ao de sua produção na pátria-mãe. Também as videiras francesas não poderão dar, transplantadas, o mesmo vinho delicioso... A América não poderia continuar a mesma obra europeia. Existe uma geografia intelectual, como existe a geografia botânica ou zoológica. As qualidades intelectuais de cada uma das raças são diversas, e, se tivésseis a segurança de ter excedido a Europa,

diminuiria neste país o poder de esforço. Almejá-lo é motivo para inspirar-vos, mas a certeza da vitória seria o princípio do retrocesso. A humanidade necessita conservar-se maior do que qualquer de suas partes, em tudo que é glória para a civilização; os filhos não devem superar os pais em sua vida. Por muitos séculos a Europa e a América conduzirão o mundo, unidas." *Camões e Assumptos americanos*, op.cit., 135–136.

42 "The Share of America in Civilization", op.cit., 64–65.

43 Em viagem pelo Paraná e Prata em 1889, Nabuco discursara no Senado paraguaio: "Ofereceram-me para levar de Humaitá, como lembrança um dos projetis da guerra: quisera que pudessem ser levados do solo paraguaio todas as balas que nele caíram, mas já que isso não pode ser, desejo que sobre esse chão no qual elas penetraram, cresça uma tal seara material e moral que seja impossível encontrar o menor vestígio dos dissentimentos passados." Apud *Joaquim Nabuco e o Brasil na América*, op.cit., 8. A respeito da visão de Joaquim Nabuco sobre a Guerra do Paraguai, a reconstituição de suas origens em *Um Estadista do Império*, a apologia da missão Saraiva e a demonização de Solano López, em quem, para Nabuco, "o instinto do índio a miúdo fazia explosão", consulte-se Costa, Milton Carlos. *Joaquim Nabuco entre a política e a história*. São Paulo: Annablume, 2003, especialmente 122–195.

44 *Address delivered by Mr. Joaquim Nabuco, ambassador from Brazil, before the Liberal Club of Buffalo, on February 20, 1907; lessons and prophecies of the third Pan-American Conference*. S.l.

45 Rocha, João Cezar de Castro. *O exílio do homem cordial*. Rio de Janeiro: Editora Museu da República, 2004, especialmente 105–195.

BIBLIOGRAFIA

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. "Joaquim Nabuco – *Um Estadista do Império*", in Mota, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. São Paulo: Editora SENAC, 1999, 113–131.

ALONSO, Angela. *Joaquim Nabuco: os salões e as ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ANDRADE, José Olímpio de Souza. *Joaquim Nabuco e o Brasil na América*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, MEC, 1978.

ARANHA, Graça (org.). *Machado de Assis & Joaquim Nabuco: correspondência*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Topbooks, 2003.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. "Através do espelho: subjetividade em *Minha formação*, de Joaquim Nabuco." *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.19, nº 56, out. 2004, 5–13.

ARAÚJO, Valdei Lopes de. "Política como história, como literatura: *Um estadista do Império*", in Rocha, João Cezar de Castro (org.). *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: Topbooks, UniverCidade, 2003, 303–312.

BENJAMIN, Walter. "Unpacking my Library", in *Illuminations* (ed. Hannah Arendt). Nova York: Schocken Books, 1988, 59–67.

BETHELL, Leslie, e José Murilo de Carvalho. "Joaquim Nabuco e os abolicionistas britânicos. Correspondência, 1880–1905." *Estudos Avançados*, vol.23, nº 65, jan.-abr. 2009, 207–229.

BOSI, Alfredo. "Colônia, culto e cultura", in *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, 11–63.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. "Joaquim Nabuco – *Minha formação*", in Mota, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*, vol.2. São Paulo: Editora SENAC, 2001, 219–236.

COSTA, Milton Carlos. *Joaquim Nabuco entre a política e a história*. São Paulo: Annablume, 2003.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Leopoldo M. Bernucci (org.). São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001.

DENNISON, Stephanie. *Joaquim Nabuco: Monarchism, Panamericanism and Nation-building in the Brazilian Belle Époque*. Oxford, Nova York: Peter Lang, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Joaquim Nabuco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Em volta do círculo mágico", in *O espírito e a letra: estudos de crítica literária*. Antonio Arnoni Prado (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996, vol.2, 189–194.

_____. *Do Império à República*. São Paulo: Difel, 1985.

_____. "O pensamento histórico no Brasil nos últimos cinquenta anos", in Monteiro, Pedro Meira e João Kennedy Eugênio (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas, Rio de Janeiro: Editora da Unicamp, EDUERJ, 2008, 601–615.

JACKSON, Kenneth David. "Nabuco a Machado, Machado a Nabuco: ressonâncias de uma correspondência", manuscrito.

JAMES, Henry. "The Madonna of the Future", in *Complete Stories 1864–1874*. Nova York: The Library of America, 1999.

LIMA, Luiz Costa. "Nabuco: trauma e crítica", in *Intervenções*. São Paulo: Edusp, 2002, 341–357.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memorial de Aires*, in *Obra completa* (ed. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, vol.1.

MARSON, Izabel. *Política, história e método em Joaquim Nabuco: tessituras da revolução e da escravidão*. Uberlândia: EDUFU, 2008.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema: a formação do Estado imperial*. São Paulo: Hucitec, 1990.

MELLO, Evaldo Cabral de. "Prefácio", in Nabuco, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004, 9–16.

NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo* (1883). Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. *Address delivered by Mr. Joaquim Nabuco, ambassador from Brazil, before the Liberal Club of Buffalo, on February 20, 1907; lessons and prophecies of the Third Pan-American Conference*. S.l.

_____. *The Approach of the Two Americas. Convocation Address Delivered Before the University of Chicago, August 28, 1908*. S.l.

_____. *Balmaceda*. José Almino de Alencar (org). São Paulo: Cosac Naify, 2008.

_____. *Camões e assumptos americanos: Seis conferencias em universidades americanas*. Trad. Carolina Nabuco. São Paulo, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, Civilização Brasileira, 1940.

_____. *Cartas aos abolicionistas ingleses*. José Thomaz Nabuco (org). Recife: FUNDAJ, Massangana, 1985.

_____. *Diários, 1873–1910*. Evaldo Cabral de Mello (org.). Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2006.

_____. *Um estadista do Império (1897–1899)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997. 2 vols.

_____. *Minha formação (1900)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

_____. *Pensamentos soltos, Camões e assuntos americanos*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.

_____. *Pensées détachées et souvenirs*. Paris: Libraire Hachette et Cie.,1906.

_____. "The Share of America in Civilization." *The American Historical Review*, vol.15, nº 1 (1909), 54–65.

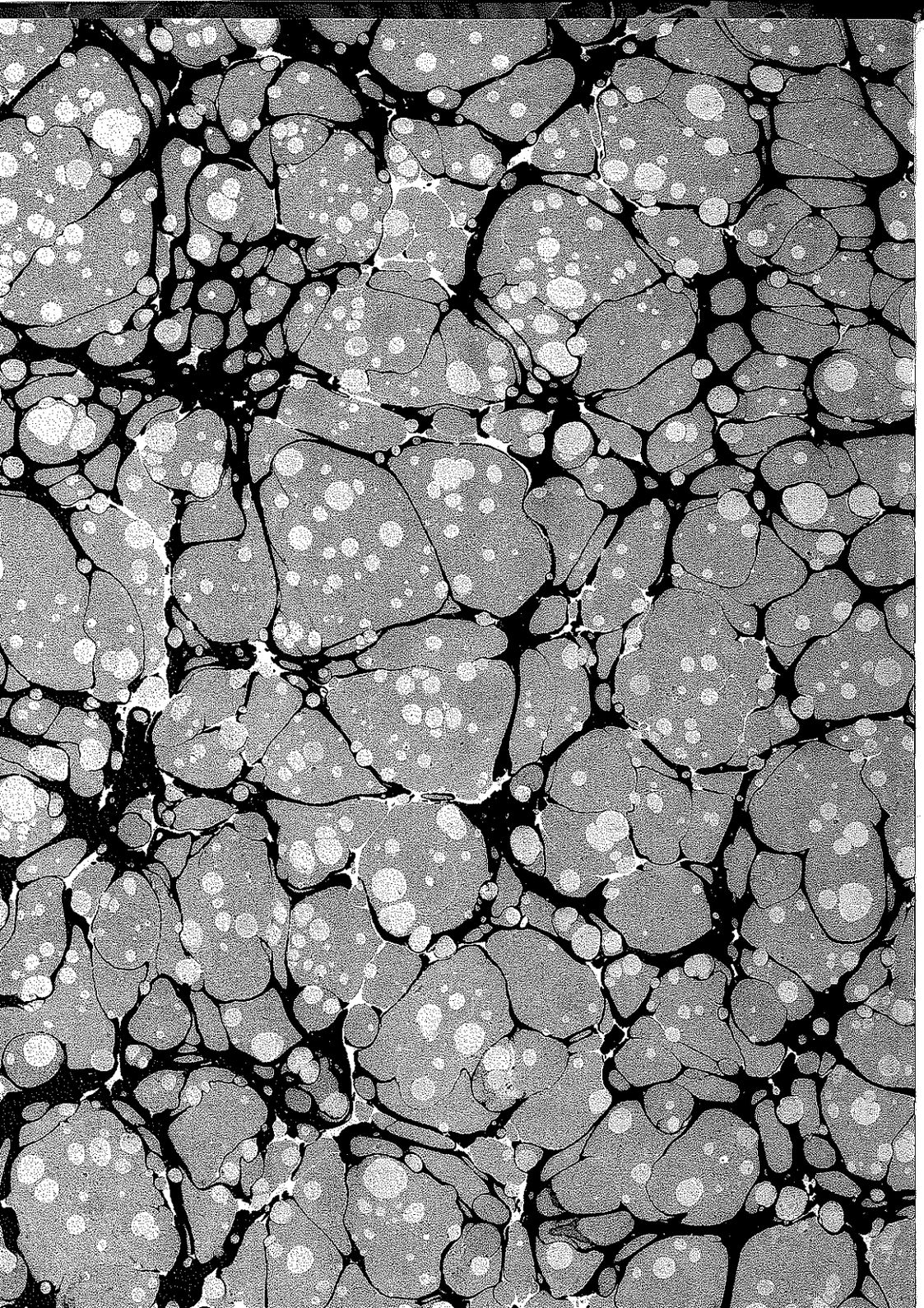
OLIVEIRA, Cecilia Helena L. de Salles. "Herdeiros e vítimas da 'conciliação': política e História em Joaquim Nabuco". *Estudos Avançados*, vol. 23, nº 65, jan.-abr. 2009, 231–244.

PASSOS, José Luiz. *Machado de Assis: o romance com pessoas*. São Paulo: Edusp, Nankin, 2007.

ROCHA, João Cezar de Castro. *O exílio do homem cordial: ensaios e revisões*. Rio de Janeiro: Editora Museu da República, 2004.

SALLES, Ricardo. *Joaquim Nabuco: um pensador do Império*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

TOCQUEVILLE, Alexis de. *De la Démocratie en Amérique*. Douzième Édition. Paris: Pagnerre, Éditeur, 1848. 4 vols.



Joaquim Nabuco e Wisconsin

CENTENÁRIO DA CONFERÊNCIA NA UNIVERSIDADE
ENSAIOS COMEMORATIVOS

Severino J. Albuquerque [org.]

Bem-Te-Vi